

Nova batalha na Estrutural

CORREIO BRAZILIENSE

No segundo dia de confronto, fiscais do governo denunciam que grupos de invasores fazem ameaças e escondem armas e bombas

07 MAI 1998

Cristina Ávila
Da equipe do Correio

A Estrutural volta a ferver. Invasores quebraram os pára-brisas de dois caminhões da Novacap e feriram um funcionário da Administração do Guará que estava participando de uma operação de derrubada de sete barracos na manhã de ontem. Os servidores públicos que trabalham na remoção dos moradores afirmam que existem armas e bombas caseiras escondidas no local. Reclamam que correm risco de vida e que estão sendo ameaçados.

Foi o segundo dia consecutivo de conflito na Estrutural. Na terça-feira, seis pessoas ficaram feridas

após um confronto entre soldados e moradores, que apedrejaram também um caminhão e um carro da Polícia Militar.

O fiscal de posturas da Administração do Guará, Valdeci de Oliveira, 47 anos, que estava em um dos caminhões da Novacap, foi atingido na cabeça por uma pedra e sofreu ferimentos leves no braço direito. "Estavamos na operação de demolição de barracos, quando apareceram umas cem pessoas. Não deu pra ver quem foram os agressores, foi tudo muito rápido", lembra Valdeci. Marcos Telles, motorista do outro caminhão, continua: "Meu caminhão foi atingido por mais de dez pedradas".

Servidores do governo e soldados

afirmam que os conflitos acontecem porque existem grupos que tentam impedir a mudança de famílias, mesmo quando as pessoas desejam a transferência. No momento, o Instituto de Desenvolvimento Habitacional do DF (Idhab) trabalha na retirada de 800 famílias que não têm direito a lote e daquelas que desejam sair espontaneamente da invasão.

A operação continua hoje. O administrador militar da invasão, major Volnei Rodrigues, pretende retirar 30 barracos até o final da tarde. "Não há prazo previsto para a remoção total, mas todos sairão", garante.

Entretanto, o governo enfrenta dificuldades para acabar com a Estrutural. "Eu deveria estar panfletando, mas se for lá estou morto", teme Paulo César, funcionário do Idhab. O clima tenso da invasão nos últimos dias o impediou de continuar distribuindo um comunicado convocando as famílias a se apresentarem no posto de atendimento do órgão,

7 DF Cidade

montado há duas semanas no local, para um recadastramento. Quem não comparecer perde o direito à transferência para outros assentamentos.

Os servidores que trabalham em operações na invasão afirmam existem grupos armados. "Estão cheios de armas pesadas e bombas caseiras", advertiu um deles. "Estamos trabalhando com medo mesmo." Segundo eles, há pessoas que ameaçam agredi-los por causa das demolições de barracos.

Ailza Gomes, líder conhecida na invasão como dona Nena, diz que o governo é culpado pelos conflitos. "O Idhab viu serem levantados os barracos e não fez nada, agora quer retirar os pobres." Ela afirma que não houve veículos apedrejados na terça-feira. Nena garante que o povo luta por moradia, sem agressões, e se existem conflitos, são "grupos antigos" que sempre estiveram nas confusões da Estrutural.